

ANÁLISE DOCUMENTAL DO BOLETIM EPIDEMIOLÓGICO HIV/AIDS 2023 DO MINISTÉRIO DA SAÚDE DA REGIÃO CENTRO-OESTE DE 2019 A 2023.

LEÃO, Adrielle Barbosa¹
SANTOS, Gabrielly de Oliveira²
JESUS, Jennifer Gomes de³
CRUZ, Joyce de Fátima Moreira⁴
GOMES, Marcelo do Nascimento⁵

:
¹ Acadêmico do curso de “**biomedina**” da FAMA Centro Universitário. Instituto Metropolitano de Educação e Cultura LTDA

² Acadêmico do curso “**biomedicina**” da FAMA Centro Universitário. Instituto Metropolitano de Educação e Cultura LTDA

³ Acadêmico do curso “**biomedicina**” da FAMA Centro Universitário. Instituto Metropolitano de Educação e Cultura LTDA

⁴ Acadêmico do curso “**biomedicina**” da FAMA Centro Universitário. Instituto Metropolitano de Educação e Cultura LTDA

⁵ Docente do curso “**biomedicina**” da FAMA Centro Universitário. Instituto Metropolitano de Educação e Cultura LTDA

RESUMO: O HIV foi identificado na década de 1980, e a AIDS continua sendo problema de saúde pública global, demandando vigilância constante de sua epidemiologia, incidência, prevalência e mortalidade. Diante desta afirmação este estudo visa realizar uma análise dos dados epidemiológicos referentes ao HIV/AIDS, do Boletim Epidemiológico do Ministério da Saúde de 2023, com ênfase na Região Centro-Oeste e, no estado de Goiás. A pesquisa adota uma abordagem de análise documental, permitindo a extração sistemática de informações do boletim epidemiológico. No resultado desta análise se destaca o ano de 2019 que apresentou o maior número de casos no período analisado, com um total de 46.696 diagnósticos, dos quais 34.009 em homens e 12.687 em mulheres. Os dados indicaram oscilações nas notificações de casos ao longo do período em análise, destacando uma queda significativa em 2020. Essa redução foi seguida por uma leve recuperação nos anos subsequentes, embora em 2023, houve uma redução drástica no número de casos de HIV, totalizando 20.218 diagnósticos (14.907 em homens e 5.311 em mulheres). No estado de Goiás apresentou a maior concentração de casos na região com 6.722. Além disso, a pesquisa revelou uma predominância de casos entre homens sendo 139.681, especialmente na faixa etária de 20 a 34 anos. Os óbitos relacionados à AIDS mostraram que o estado com Goiás registrou o maior número com 1.167. Apesar de todos os avanços as situações destacadas evidenciam a urgência de intervenções eficazes no tratamento e acompanhamento dos pacientes.

Palavras-chave: Dados epidemiológicos HIV/AIDS; análise documental; incidência e prevalência.

1 INTRODUÇÃO

A AIDS foi diagnosticada pela primeira vez no início da década de 1980, quando médicos nos EUA observaram um aumento inesperado de sarcoma de Kaposi e pneumonia por *Pneumocystis carinii* em jovens saudáveis, principalmente homossexuais, e esses casos foram relatados pelo CDC em 1981 (Choko, 2019).

Em 1983, Luc Montagnier e Françoise Barré-Sinoussi, do Instituto Pasteur, isolaram um novo retrovírus, chamado LAV, enquanto Robert Gallo e sua equipe, nos EUA, identificaram o HTLV-III. Em 1985, o primeiro teste de anticorpos contra o HIV (Vírus da Imunodeficiência Humana) foi aprovado. Em 1986, ficou claro que LAV e HTLV-III eram os mesmos vírus, resultando no nome HIV (Stoppa, 2018).

Desde então, a infecção por HIV e a AIDS (Síndrome da Imunodeficiência Adquirida) entraram na Lista Nacional de Notificação Compulsória de Doenças, reforçando a necessidade de um monitoramento mais sistemático. O HIV, é um retrovírus que ataca células T CD4 do sistema imunológico, enfraquece a defesa do corpo, tornando-o vulnerável a infecções oportunistas e cânceres (Organization, 2023).

Sem tratamento, o HIV evolui para AIDS (Stevens, 2017). A transmissão ocorre principalmente por sexo desprotegido, compartilhamento de agulhas, transmissão vertical, transfusão de sangue contaminado e acidentes com perfurocortantes. O diagnóstico precoce e o tratamento com antirretrovirais são essenciais para controlar a progressão e melhorar a qualidade de vida dos infectados (Fernandes, 2021).

Essa vulnerabilidade causada pelo HIV reflete diretamente no enfraquecimento do sistema imunológico. À medida que a infecção avança, o sistema imunológico se torna cada vez mais debilitado, tornando o indivíduo mais suscetível a infecções oportunistas e a alguns tipos de câncer (Stevens, 2017).

Para reforçar o controle das doenças, o Sistema de Informação de Agravos de Notificação (Sinan) desempenha um papel essencial como uma ferramenta de registro de informações. O Sinan é utilizado para documentar e investigar casos de doenças de notificação compulsória, conforme definido pela lista nacional, além de permitir que estados e municípios incluam outros problemas de saúde relevantes. Embora seja crucial para centralizar dados e apoiar a análise epidemiológica, o Sinan

não atua diretamente na prevenção ou na interrupção da transmissão, mas sim no suporte à tomada de decisões e planejamento de medidas de controle (Sinan, 2023).

A epidemiologia global do vírus HIV mostra o impacto devastador da epidemia. Em 1980 milhões de pessoas foram afetadas, com 38 milhões vivendo com o vírus em 2021, principalmente na África Subsaariana (Organization, 2023). No Brasil, o Boletim Epidemiológico de 2023 apontou que cerca de 1,5 milhão de pessoas vivem com HIV, com 50 mil novos casos registrados em 2022 (Brasil, 2023).

Entre 2007 e 2023, foram notificados 489.594 casos no país, majoritariamente em homens (70,5%), e houve um aumento na proporção de casos entre jovens de 15 a 24 anos. Em 2022, 62,8% das novas infecções ocorreram em negros, e as principais formas de transmissão foram relações homoafetivas (52,6%) e heterossexuais no caso das mulheres (86,4%). Esses números ressaltam a necessidade contínua de focar em prevenção, diagnóstico e apoio às populações vulneráveis (Organização Mundial de Saúde, 2022).

A análise de dados epidemiológicos, como os fornecidos pelos boletins, é fundamental para entender a evolução da doença e direcionar ações de saúde pública (Brasil, 2023).

O HIV e a AIDS são questões de saúde pública mundiais, apesar dos avanços no tratamento e na prevenção. E Boletins Epidemiológicos são ferramentas que oferecem panorama detalhado da incidência, prevalência e mortalidade dessa epidemia, permitindo que as autoridades ajustem suas estratégias de combate à doença (Brasil, 2023).

Deste modo, se faz necessário compreender as dinâmicas atuais da transmissão do HIV e do desenvolvimento da AIDS, estabelecendo como foco neste trabalho a região Centro-Oeste. Sendo assim, este estudo terá como objetivo analisar as tendências e os dados epidemiológicos sobre HIV/AIDS, conforme divulgados no Boletim Epidemiológico do Ministério da Saúde de 2023, que traz dados referentes à Região Centro-Oeste, tendo selecionado o período de 2019 a 2023, a fim de identificar padrões, avanços e desafios no enfrentamento da epidemia na região estratégica.

2 MATERIAIS E MÉTODOS

2.1. DESCRIÇÃO DA PESQUISA

O presente trabalho, consistiu em uma pesquisa bibliográfica do tipo análise documental, com dados extraídos do Boletim Epidemiológico do Ministério da Saúde publicado em dezembro de 2023. Para a realização deste estudo, foi considerada como ponto focal a região Centro-Oeste e o estado de Goiás.

2.2. COLETA DE DADOS

Os dados coletados foram extraídos do boletim epidemiológico com ênfase nos dados de incidência, prevalência, categorizando por idade, sexo, grau de escolaridade, taxa de óbitos acometidos pelo HIV e as capitais da região Centro-Oeste com os números de casos elevados.

2.3. ANÁLISE DE DADOS

Os dados extraídos do boletim epidemiológico foram organizados em tabelas e gráficos, para o melhor destacar a região Centro-Oeste, foram analisados a totalidade dos dados, a segmentação por estado, a comparação entre os estados e em destaque os dados de estado de Goiás.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A Tabela 1 apresenta os casos de HIV notificados no Sistema de Informação de Agravos de Notificação (Sinan) para a Região Centro-Oeste do Brasil, com dados específicos por Unidade Federativa (UF) de 2019 a 2023. O total de notificações para a região durante esse período foi de 16.960 casos. A análise dos dados revela uma tendência de oscilação, com destaque para uma diminuição notável em 2020, seguida de uma leve recuperação nos anos posteriores, apesar dos números de notificações voltar a cair em 2023.

Tabela 1 - Casos de HIV notificados no Sinan, segundo UF e região de residência por ano de diagnóstico. Brasil, 2019 a 2023.

Região	Anos					Total
	2019	2020	2021	2022	2023	
Centro-Oeste	4.016	3.382	3.759	3.825	1.978	16960
Mato Grosso do Sul	701	621	663	713	315	3013
Mato Grosso	1.002	779	890	930	438	4039
Goiás	1.570	1.325	1.501	1.532	794	6722
Distrito Federal	743	657	705	650	371	3126

Fonte: Adaptado de Boletim Epidemiológico 2023.

A diminuição observada em 2020, foram relevantes nos estados de Goiás e Mato Grosso do Sul, é possivelmente atribuída ao impacto da pandemia de COVID-19, que limitou o acesso a serviços de saúde e testagem para HIV. Essa limitação pode ter levado à subnotificação de casos, prejudicando o diagnóstico precoce e a resposta ao tratamento, além de impactar negativamente as campanhas de conscientização e prevenção durante o período. Nos anos seguintes, observa-se uma retomada gradual das notificações, sugerindo uma recuperação do sistema de saúde quanto à capacidade de testagem e diagnóstico de HIV.

Entre os estados do Centro-Oeste, Goiás apresentou o maior número de notificações, totalizando 6.722 casos, o que representa aproximadamente 39,6% do total da região. Essa concentração sugere uma maior necessidade de políticas públicas, direcionadas para fortalecer as campanhas de prevenção, ampliar o acesso a serviços de testagem e melhorar a adesão ao tratamento. Mato Grosso foi o segundo estado com mais notificações, registrando 4.039 casos, seguido pelo Distrito Federal (3.126 casos) e Mato Grosso do Sul (3.013 casos).

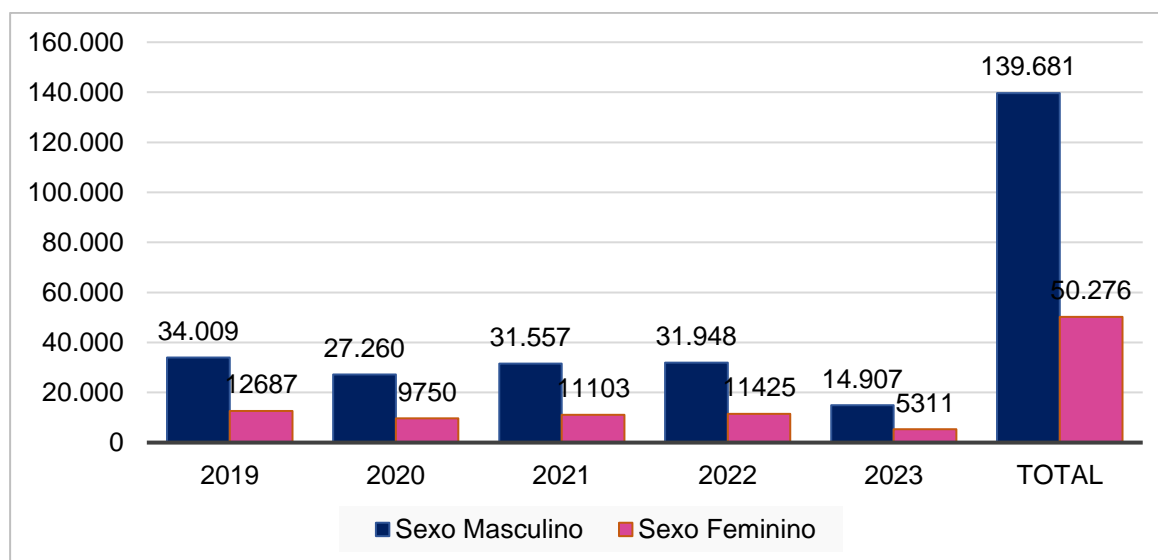
Em 2023, todos os estados registraram quedas acentuadas nos casos notificados, com Goiás e Mato Grosso ainda liderando os números, mas com menor incidência em relação aos anos anteriores. Esse padrão pode ser reflexo de intervenções de saúde pública mais eficazes e de uma maior conscientização da população sobre o HIV, além de reforçar a importância da continuidade dos serviços de saúde preventiva, mesmo em períodos de crise sanitária (Brasil, 2023)

Na figura 1 do boletim epidemiológico de HIV mostram os dados coletados entre 2019 e 2023 revelam importantes tendências sobre a incidência de HIV no Brasil, diferenciando entre os sexos masculino e feminino. Durante esse período, foi possível observar variações significativas nos números de casos, indicando como fatores

externos e políticas públicas de saúde influenciaram diretamente a dinâmica de diagnóstico e prevenção da doença.

O ano de 2019 apresentou o maior número de casos no período analisado, com um total de 46.696 diagnósticos, dos quais 34.009 em homens e 12.687 em mulheres. Esse aumento pode estar relacionado ao crescimento das campanhas de conscientização e à ampliação dos esforços de testagem. A intensificação de ações de saúde pública provavelmente incentivou mais pessoas, especialmente em grupos de risco, a buscar diagnósticos, resultando em uma detecção maior de casos.

Figura 1 - Número de casos de HIV notificados no Sinan, por sexo e razão de sexos, por ano de diagnóstico. Brasil, 2019 a 2023.



Fonte: Adaptado de Boletim Epidemiológico 2023.

Esses dados ressaltam a necessidade de fortalecer as estratégias de intervenção específicas para homens, que representaram a maioria dos casos. Além disso, o aumento nos diagnósticos sugere a importância da manutenção de campanhas contínuas de conscientização para garantir que a testagem seja amplamente acessível.

Em 2020, houve uma queda significativa nos casos de HIV, totalizando 37.010 diagnósticos (27.260 em homens e 9.750 em mulheres), representando uma diminuição de 20,7% em relação ao ano anterior. Esse declínio está diretamente associado ao impacto da pandemia de COVID-19, que restringiu o acesso aos serviços de saúde e redirecionou recursos para o combate à pandemia. Restrições de mobilidade e o fechamento de unidades de saúde contribuíram para uma redução

substancial no número de testes, resultando em uma possível subnotificação dos casos de HIV (Haileamlak, 2021).

Esses achados destacam a vulnerabilidade dos sistemas de saúde em crises sanitárias e a importância de desenvolver estratégias de contingência para garantir a continuidade dos serviços essenciais, incluindo o diagnóstico e o tratamento do HIV.

Em 2021, os números começaram a se recuperar, com 42.660 diagnósticos de HIV (31.557 em homens e 11.103 em mulheres). Esse aumento de 15,2% em comparação com 2020 reflete a retomada gradual dos serviços de saúde, possibilitando maior acesso à testagem e ao diagnóstico (Brasil, 2022). Além disso, a retomada de campanhas de prevenção e conscientização, que haviam sido prejudicadas pela pandemia, pode ter contribuído para o crescimento no número de diagnósticos.

A recuperação parcial dos casos de HIV demonstra a importância de campanhas contínuas e ininterruptas de prevenção e testagem. A detecção precoce continua a ser uma prioridade para mitigar o impacto a longo prazo do HIV.

Em 2022, observou-se uma leve estabilização, com 43.373 diagnósticos (31.948 em homens e 11.425 em mulheres), representando um aumento de 1,7% em comparação com 2021. Essa estabilização pode indicar uma adaptação ao contexto pós-pandemia, com o sistema de saúde conseguindo manter os serviços de testagem e diagnóstico em níveis adequados. Além disso, a maior conscientização sobre a importância da saúde pública e a ampliação do acesso a métodos preventivos, podem ter desempenhado um papel relevante na estabilização dos casos.

Em 2023, houve uma redução drástica no número de casos de HIV, totalizando 20.218 diagnósticos (14.907 em homens e 5.311 em mulheres), com uma queda de mais de 50% em relação ao ano anterior. Entre os fatores que podem explicar essa diminuição, destacam-se os avanços na prevenção e a ampliação da oferta de profilaxia, que possibilitaram uma redução significativa na transmissão de HIV, especialmente entre grupos de maior risco.

Por outro lado, é necessário considerar a possibilidade de mudanças nos critérios de notificação e acesso aos testes, o que poderia ter contribuído para essa diminuição. A redução acentuada indica que as intervenções preventivas estão surtindo efeito, mas é essencial garantir que essa redução seja sustentada a longo prazo.

A análise dos dados revela que a incidência de HIV no Brasil foi fortemente influenciada por fatores externos, como a pandemia de COVID-19, e pelas políticas de saúde pública voltadas à prevenção e diagnóstico da doença. A estabilização e subsequente queda nos casos reforçam a importância de campanhas de prevenção contínuas e do acesso aos tratamentos e métodos profiláticos.

Na tabela 2 pode-se observar que a maior concentração de casos de HIV ocorre nas faixas etárias entre 20 e 34 anos, com predominância entre homens. Em 2019, por exemplo, a faixa etária de 20 a 24 anos registrou 7.144 casos masculinos e 1.601 femininos, mantendo índices elevados até 2022.

Tabela 2 - Casos de HIV (número e percentual) notificados no Sinan segundo sexo e faixa etária por ano de diagnóstico. Brasil, 2019 a 2023.

Faixa etária	2019		2020		2021		2022		2023	
	Masc	Fem	Masc	Fem	Masc	Fem	Masc	Fem	Masc	Fem
< 5 anos	57	60	32	55	45	49	44	44	16	9
5 a 9 anos	12	14	6	5	9	12	14	12	4	5
10 a 14 anos	24	47	13	48	24	57	21	38	5	11
15 a 19 anos	1.789	711	1.275	615	1.559	612	1.408	572	648	268
20 a 24 anos	7.144	1.601	5.812	1.221	6.422	1.416	6.068	1.318	2.664	585
25 a 29 anos	7.205	1.660	6.135	1.308	7.275	1.583	6.950	1.486	3.309	720
30 a 34 anos	5.229	1.799	4.421	1.359	4.990	1.464	5.116	1.447	2.444	669
35 a 39 anos	4.004	1.781	3.006	1.293	3.492	1.476	3.682	1.525	1.736	661
40 a 44 anos	2.815	1.523	2.167	1.194	2.638	1.369	2.879	1.464	1.329	651
45 a 49 anos	1.902	1.157	1.491	945	1.781	1.026	1.921	1.137	913	554
50 a 54 anos	1.577	936	1.099	687	1.254	801	1.415	920	675	471
55 a 59 anos	948	601	753	446	893	555	1.024	644	508	299
60 e mais	1.053	704	855	500	963	613	1.197	754	581	375
Ignorado	250	93	195	9750	212	65	209	64	75	33

Fonte: Adaptado de Boletim Epidemiológico 2023.

A partir de 2023, observou-se uma redução significativa dos casos em todas as faixas etárias, com destaque para as mais jovens, como a de 15 a 19 anos, que registrou 648 casos masculinos e 268 femininos. A faixa etária de 20 a 34 anos, porém, continua a apresentar os maiores índices de notificação, indicando que essa população permanece como a mais vulnerável ao HIV. Esse grupo pode estar mais exposto devido a comportamentos de risco, como o uso inconsistente de preservativos e a baixa adesão a práticas preventivas.

Os casos masculinos se mantêm consistentemente mais elevados do que os femininos em todas as faixas etárias ao longo dos anos analisados, refletindo uma tendência de maior incidência entre homens. Em algumas faixas etárias, como a de 20 a 34 anos, a diferença entre os gêneros é especialmente pronunciada. Essa diferença, embora persistente, parece se atenuar ligeiramente ao longo dos anos em certas faixas.

A alta incidência entre homens, sobretudo nas faixas etárias jovens e adultas, pode estar relacionada a fatores comportamentais e culturais, como a predominância de relações sexuais homo e heteroafetivas sem proteção, tornando-se um dos grupos com maior risco de HIV. Esse cenário destaca a necessidade de ações específicas para homens jovens e adultos.

De 2019 a 2022, os números totais oscilaram, variando conforme a faixa etária e o gênero. No entanto, a partir de 2023, houve uma queda acentuada nas notificações em quase todas as faixas etárias, possivelmente relacionada a mudanças nas estratégias de notificação, subnotificação, ou até a uma diminuição real dos novos casos.

A expressiva redução dos casos em 2023 pode ser atribuída a diversos fatores, como melhorias na coleta de dados, políticas preventivas mais eficazes, maior uso de profilaxia pré-exposição ou até mesmo o impacto das campanhas de conscientização. Outra possibilidade é a subnotificação, possivelmente devido a restrições nos sistemas de saúde, que merecem investigação.

Embora o número de casos em menores de 15 anos seja reduzido, ele não é inexistente, reforçando a importância de ações preventivas e de conscientização para essa faixa etária, além da necessidade de se investigar potenciais transmissões verticais (de mãe para filho).

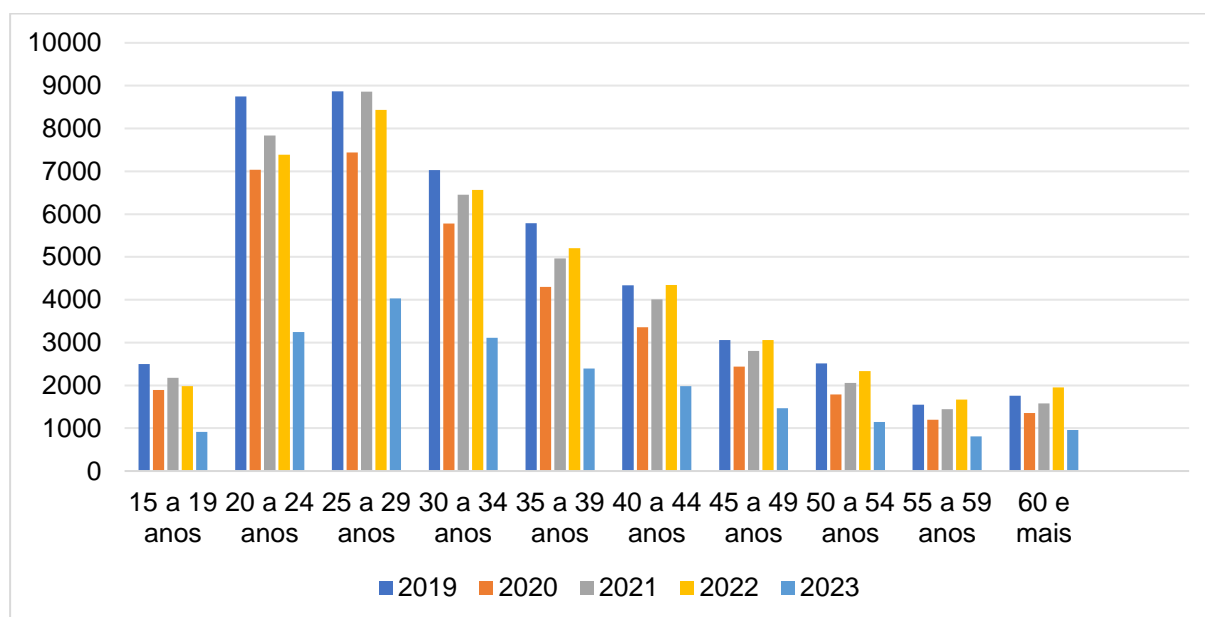
Na figura 2 observa-se uma redução significativa no número de casos notificados em 2023, especialmente em faixas etárias de maior incidência como 20 a 24 anos e 25 a 29 anos. Por exemplo, a faixa de 20 a 24 anos passou de 8.745 casos em 2019 para 3.249 casos em 2023, e a faixa de 25 a 29 anos foi de 8.865 para 4.029 casos no mesmo período.

Essa diminuição pode refletir melhorias nas campanhas de prevenção e tratamento, como a ampliação do acesso a profilaxia pré-exposição e à testagem precoce, bem como programas de conscientização voltados a públicos específicos.

Além disso, essa queda pode estar associada a mudanças no comportamento da população e ao impacto de novas estratégias de comunicação nas mídias sociais, que conseguem atingir um público mais jovem.

As faixas etárias de 20 a 24 e 25 a 29 anos apresentaram consistentemente os maiores números de casos de HIV entre 2019 e 2022. Em 2019, essas faixas registraram 8.745 e 8.865 casos, respectivamente.

Figura 2 - Óbitos por causa básica de AIDS, segundo UF e região de residência por ano de óbito. Brasil, 2019 a 2022.



Fonte: Adaptado de Boletim Epidemiológico 2023.

A alta incidência de HIV entre jovens adultos pode ser atribuída a vários fatores, como o início da vida sexual ativa, maior número de parceiros, e uma possível menor adesão ao uso de preservativos. Isso reforça a importância de campanhas educativas específicas para essa faixa etária, abordando o uso de preservativos e a importância da testagem regular. Além disso, as redes sociais e os aplicativos de encontros, amplamente usados por jovens, podem servir como canais para promover mensagens de conscientização e prevenção.

Houve uma diminuição no número de casos na faixa etária de 15 a 19 anos, passando de 2.500 casos em 2019 para 916 em 2023.

Esse declínio pode indicar um efeito positivo das políticas educacionais e de prevenção focadas em adolescentes, como a inclusão de educação sexual em escolas e o maior acesso a métodos preventivos. Programas que incentivam a

discussão aberta sobre HIV e ISTs, junto com ações nas redes sociais que visam a população jovem, podem ter contribuído para essa redução. Esse resultado sugere que manter e expandir esses programas pode ajudar a prevenir ainda mais novos casos entre adolescentes.

Em faixas etárias acima de 50 anos, há um aumento até 2022, seguido por uma leve queda em 2023. Por exemplo, a faixa etária de 50 a 54 anos foi de 2.513 casos em 2019 para 2.335 em 2022, com uma queda para 1.146 em 2023.

O aumento inicial em faixas etárias mais avançadas pode refletir uma conscientização e testagem crescente entre pessoas mais velhas, que historicamente podem ter se considerado fora do grupo de risco. Isso aponta para a necessidade de campanhas que também incluam essa faixa etária, promovendo a conscientização de que o HIV pode afetar qualquer idade e incentivando práticas de prevenção e testagem regulares. A queda em 2023 pode ser um sinal de impacto positivo dessas campanhas, mas é importante continuar monitorando esses dados.

A categoria “Ignorado” apresentou uma média relativamente constante de casos ao longo dos anos (por exemplo, 343 em 2019 e 108 em 2023). A existência de uma categoria de faixa etária "Ignorado" indica que há falhas na coleta ou no preenchimento dos dados, o que pode limitar a análise precisa por faixa etária. Para que as políticas de prevenção e os estudos epidemiológicos sejam mais eficazes, é crucial reduzir o número de registros ignorados, incentivando um preenchimento mais rigoroso dos dados no sistema de saúde. Melhorias nos processos de coleta e registro de informações podem aumentar a confiabilidade dos dados e ajudar a direcionar melhor as ações de saúde pública.

O boletim epidemiológico apresentou dados sobre o número de óbitos causados por AIDS (tabela 2), considerando a causa básica da morte, nos estados da região Centro-Oeste do Brasil entre 2019 e 2022. Durante esse período, foram registrados 2.993 óbitos por AIDS na região. No entanto, a quantidade de óbitos variou a cada ano e entre os diferentes estados.

Tabela 3 - Óbitos por causa básica de aids, segundo UF e região de residência por ano de óbito. Brasil, 2019 a 2022

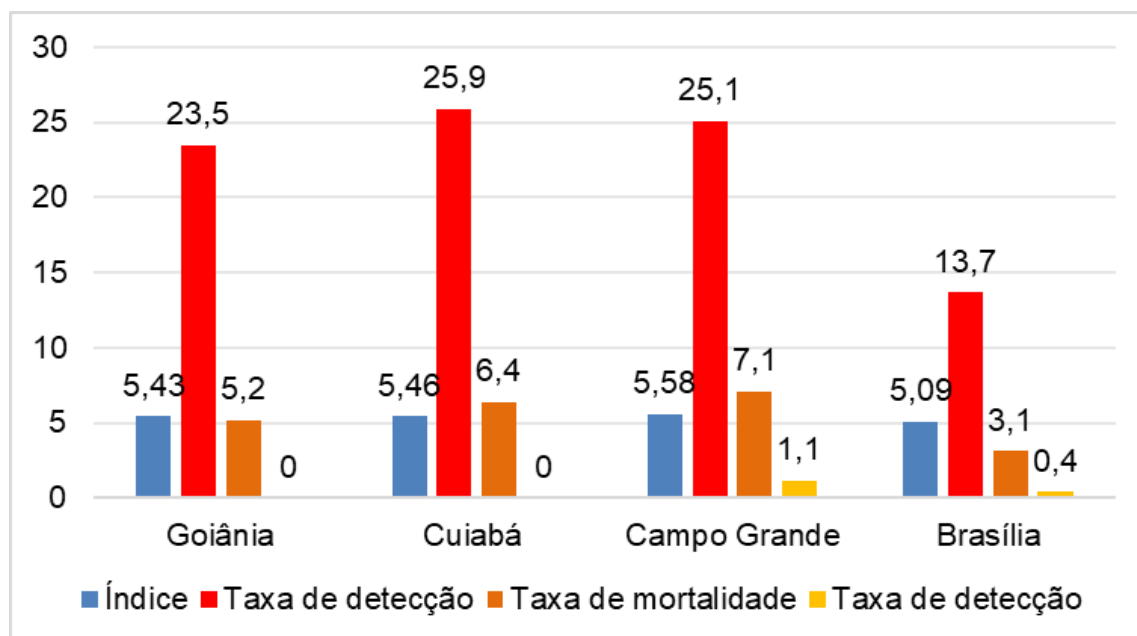
Região	Anos				Total
	2019	2020	2021	2022	
Centro-Oeste	739	667	810	777	2993
Mato Grosso do Sul	178	145	185	179	687
Mato Grosso	182	167	214	204	767
Goiás	281	259	318	309	1167
Distrito Federal	98	96	93	85	372

Fonte: Adaptado de Boletim Epidemiológico 2023.

No entanto, em 2021, os óbitos aumentaram em toda a região, o que pode indicar um agravamento das condições de saúde das pessoas vivendo com AIDS ou uma possível interrupção temporária no tratamento devido à pandemia (Saúde, 2022)

Em relação aos estados, Goiás foi responsável pelo maior número total de óbitos (1.167), seguido por Mato Grosso (767), Mato Grosso do Sul (687) e, por último, o Distrito Federal (372). O Distrito Federal, em particular, apresentou uma tendência de redução contínua, o que pode refletir a efetividade de políticas de saúde pública locais, como a ampliação do acesso ao tratamento e a campanhas de conscientização sobre a AIDS (Brasil, 2023)

Ao analisar a figura 3, que apresenta o *ranking* das capitais brasileiras de acordo com o índice composto entre 2018 e 2022, Goiânia se destaca, com foco especial em aspectos como o índice geral, a taxa de detecção, a taxa de mortalidade e a taxa de detecção em crianças menores de 05 anos.

Figura 3 - Ranking das capitais segundo índice composto 2019 a 2022.

Fonte: Adaptado de Boletim Epidemiológico 2023.

O índice composto para o HIV de 5.437 coloca Goiânia na 21ª posição entre as capitais brasileiras. Essa posição indica que a cidade enfrenta desafios significativos em relação à prevenção, diagnóstico e tratamento do HIV, em comparação com outras capitais. O índice composto geralmente é calculado com base em taxas de incidência, mortalidade, acesso a tratamentos e eficácia de políticas públicas voltadas para o HIV, sugerindo que Goiânia precisa intensificar suas estratégias de combate e controle do HIV.

A taxa de detecção de HIV em Goiânia é de 23,5 casos por 100 mil habitantes. Esse dado indica uma prevalência preocupante de novos casos, o que pode refletir a necessidade de aumentar a conscientização, a testagem regular e as campanhas preventivas. Taxas de detecção elevadas também podem ser resultado de condições sociais e econômicas que aumentam a vulnerabilidade da população ao HIV, como acesso desigual a informações e a serviços de saúde.

Para lidar com essa taxa, estratégias de saúde pública, como campanhas de conscientização e educação sexual, distribuição de preservativos e ampliação do acesso a testes gratuitos de HIV, são fundamentais. Além disso, o fortalecimento dos serviços de aconselhamento pode contribuir para a redução do estigma, incentivando mais pessoas a buscar testes e tratamentos precocemente.

A taxa de mortalidade de 5,2 por 100 mil habitantes reflete o impacto do HIV na saúde da população. Embora a taxa de mortalidade para HIV tenha diminuído

significativamente ao longo dos anos devido aos avanços nos tratamentos antirretrovirais, essa taxa em Goiânia ainda sugere a necessidade de fortalecer o acesso e a adesão ao tratamento contínuo, bem como de acompanhar o desenvolvimento de resistência a medicamentos.

Programas como o PReP (Profilaxia Pré-Exposição), que oferece medicamentos antirretrovirais para pessoas HIV-negativas em risco, e o programa do SUS, que garante o fornecimento gratuito de medicamentos para pessoas vivendo com HIV, são essenciais para o controle e tratamento da doença (Brasil, 2022). O SUS também oferece acompanhamento médico regular e suporte psicológico, ajudando a reduzir a mortalidade e a transmissão do HIV. Garantir a continuidade do tratamento sem interrupções é crucial, especialmente para aqueles em situações vulneráveis (Brasil, 2023).

A taxa de detecção de HIV em crianças menores de 05 anos ser zero é um dado positivo, indicando uma ausência de casos detectados. Isso pode refletir sucesso em programas de prevenção de transmissão vertical (da mãe para o feto), que têm sido priorizados no Brasil. Para manter esse índice, é importante que Goiânia continue promovendo o pré-natal e o acompanhamento de gestantes com HIV, além de garantir que os recém-nascidos recebam profilaxia adequada.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise do Boletim Epidemiológico HIV/AIDS 2023 do Ministério da Saúde, com foco na Região Centro-Oeste, destacou importantes tendências e desafios no enfrentamento da epidemia entre 2019 e 2023. Observando-se que entre 2020 e 2022 devido a pandemia da COVID-19, houve um desfoco nas notificações de casos de HIV. Embora tenha havido uma leve recuperação nas notificações nos anos subsequentes, a queda abrupta em 2023 levanta questões sobre as estratégias de testagem e notificação, além da eficácia das campanhas de conscientização.

Os dados demonstraram uma predominância de casos entre homens, especialmente na faixa etária de 20 a 34 anos, o que ressalta a necessidade de intervenções direcionadas a esse grupo. A alta taxa de detecção em Goiânia e sua classificação entre as capitais com maiores desafios no controle do HIV indicam a urgência de políticas públicas que garantam acesso à testagem, tratamento e educação em saúde sexual.

A ausência de casos em crianças menores de 5 anos reflete o sucesso das estratégias de prevenção da transmissão vertical, uma conquista que deve ser mantida com acompanhamento contínuo de gestantes e recém-nascidos. Assim, as ações de saúde pública precisam ser fortalecidas e adaptadas às realidades locais, garantindo que todos tenham acesso a informações e serviços necessários para a prevenção e o tratamento do HIV.

Os objetivos do trabalho foram alcançados, proporcionando uma compreensão aprofundada das dinâmicas epidemiológicas da doença. Para pesquisas futuras, sugere-se explorar fatores socioculturais que influenciam a incidência do HIV, avaliar a eficácia das campanhas de conscientização e investigar as barreiras ao acesso a serviços de saúde em áreas vulneráveis. A continuidade das campanhas de conscientização e a ampliação do acesso a métodos preventivos são essenciais para manter os avanços e mitigar o impacto do HIV/AIDS na Região Centro-Oeste.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Boletim Epidemiológico de HIV- 2023. 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/aids/pt-br/central-de-conteudo/boletins-epidemiologicos/2023/hiv-aids/boletim-epidemiologico-hiv-e-aids-2023.pdf/view#:~:text=Boletim%20Epidemiol%C3%B3gico%20-%20HIV%20e%20Aids%202023%20O,de%20aids%20no%20Brasil%2C%20regi%C3%B5es%2C%20estados%20e%20capitais>. Acesso em: 13 nov. 2024.

BRASIL. Brasil registra queda de óbitos por aids. Confira os números do Distrito Federal. 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias-para-os-estados/distrito-federal/2023/dezembro/brasil-registra-queda-de-obitos-por-aids-confira-os-numeros-do-distrito-federal>. Acesso em: 13 nov. 2024.

BRASIL. Ministério da Saúde. Ministério da Saúde simplifica tratamento e investe R\$ 1,7 bilhão para eliminar HIV/Aids como problema de saúde pública. Brasília: Ministério da Saúde, 2023. Acesso em: 13 nov. 2024.

BRASIL. Ministério da Saúde. Profilaxia Pré-Exposição (PrEP). Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br>. Acesso em: 13 nov. 2024.

BRASIL, Ministério da Saúde. Relatório de Monitoramento Clínico do HIV 2021. 2022. Disponível em: https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/relatorio_monitoramento_clinico_hiv_2021.pdf. Acesso em: 13 nov. 2024.

BRASIL. Ministério da Saúde. Tratamento de HIV/AIDS no SUS: Acesso a

medicamentos antirretrovirais. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/hiv-aids>. Acesso em: 13 nov. 2024.

CHOKO, Augustine Talumba; DESMOND, Nicola; WEBB, Emily L.; CHAVULA, Kondwani; NAPIERALA-MAVEDZENGE, Sue; GAYDOS, Charlotte A.; MAKOMBE, Simon D.; CHUNDA, Treza; SQUIRE, S. Bertel; FRENCH, Neil. The Uptake and Accuracy of Oral Kits for HIV Self-Testing in High HIV Prevalence Setting: a cross-sectional feasibility study in blantyre, malawi. *Plos Medicine*, [s.l.], v. 8, n. 10, p. 1-15, 4 out. 2019. <http://dx.doi.org/10.1371/journal.pmed.1001102>.

FERNANDES, Ítalo. Revisão sistematizada da literatura científica nacional acerca da história do HIV/AIDS. *Revista Brasileira de Sexualidade Humana*, Rio de Janeiro, v. 32, n. 1, p. 60-67, 25 jun. 2021.

HAILEAMLAK, A. Editorial message. *Ethiopian journal of health sciences*, v. 31, n. 6, 2021.

ORGANIZATION, World Health. HIV e AIDS. 2023. Disponível em: <https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/hiv-aids>. Acesso em: 13 nov. 2024.

SAÚDE, Ministério da. Boletim Epidemiológico - HIV/Aids 2022. 2022. Disponível em: https://www.gov.br/aids/pt-br/central-de-conteudo/boletins-epidemiologicos/2022/hiv-aids/boletim_hiv_aids_-2022_internet_31-01-23.pdf/view. Acesso em: 13 nov. 2024.

SAÚDE, Organização Mundial de (org.). HIV/AIDS. 2023. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/topicos/hivaids>. Acesso em: 13 nov. 2024.

SINAN, Portal. SINAN: sistema de informação de agravos de notificações. Sistema de Informação de Agravos de Notificações. 2023.

STOPPA, Laura Maria. A homossexualidade como ferramenta para a autonomia sexual. *Revista Brasileira de Sexualidade Humana*, Rio de Janeiro, v. 29, n. 2, p. 64-68, 16 set.

STEVENS, Danielle. A Global Review of HIV Self-testing: themes and implications. *Aids And Behavior*, Estados Unidos, Springer Science and Business Media LLC, v. 22, n. 2, p. 497-512, 2 fev. 2017. <http://dx.doi.org/10.1007/s10461-017-1707-8>.